

PRELÚDIO

Há muitas e muitas eras, seres naturalmente mágicos chamados Espectros ameaçavam destruir o equilíbrio de todo o Multiverso, aniquilando tudo que existia.

Para combatê-los, uma sábia chamada Nopporn, descendente de uma das primeiras raças sapientes, convocou os principais líderes, regentes, imperadores e soberanos de todos os planetas civilizados para formarem um grupo de combate especial chamado Senhores de Castelo.

Depois de mais de uma década de guerras devastadoras, os Senhores de Castelo conquistaram a vitória. Os poucos Espectros sobreviventes foram aprisionados em pedras preciosas mágicas, que foram incorporadas a seres colossais, naturais dos confins do Multiverso.

Assim surgiu a Ordem dos Senhores de Castelo, formada por seres únicos, que usam seus dons, habilidades e artefatos de poder para incentivar a paz e a prosperidade pelos quatro quadrantes do Multiverso.

REGISTROS

Todo o reino de Agas' B está apreensivo com o desaparecimento da princesa Laryssa, filha do soberano Kendal. O regente nega-se a aparecer em público e mantém seu exército dentro da fortaleza.

O Conselho da Ordem dos Senhores de Castelo está auxiliando na busca pela jovem princesa, porém ninguém ainda conseguiu encontrá-la.

Louvada Mãe de Todas as Fadas, seja prudente e misericordiosa com os que não possuem fortuna ou magia. E ajude-nos com sabedoria nestes tempos difíceis.

TRECHO DE PERGAMINHO ENCONTRADO EM UM TEMPLO
NA CIDADE DE DIPRA, NO REINO DE AGAS'B

Nas planícies de Atons, ambos chegaram de forma distinta. Um a cavalo e o outro voando como um borrão branco no azul do céu. O desaparecimento da princesa Laryssa era o motivo da chegada daqueles dois Senhores de Castelo. Partiram no mesmo dia para a cidade de Gim.

BOR, EM RELATO FRAGMENTADO
BIBLIOTECA DE DOKRE

Q PACTO

*Planeta Agabier, reino de Agas' B
Ano 3239 da Ordem dos Senhores de Castelo*

O barulho de cascos apressados ecoava no ar frio da noite. A lama da estrada espirrava em todas as direções, espalhada pelas rodas de madeira e ferro da carruagem. Os quatro cavalos negros galopavam velozmente em direção às docas de uma pequena cidade litorânea.

Um marujo, com uma grande cicatriz no rosto, estava prestes a entrar no navio *Águas Nebulosas* quando viu a carruagem chegar. Rapidamente subiu em uma pilha de caixas para ver o que acontecia.

O que será que temos aqui?, pensou, cobrindo-se com uma lona para que ninguém o visse. Os cavalos pararam bruscamente.

A luz de uma pequena tocha surgiu no tombadilho do navio e começou a descer a rampa em direção à carruagem. Apesar da escuridão, o marujo reconheceu o andar manco do capitão. A pequena iguana verde-limão que sempre o acompanhava estava imóvel sobre seu ombro. Ele carregava um pequeno baú de madeira, com um cadeado de ouro sem fecho.

A porta da carruagem abriu com um rangido e dela desceu um homem vestindo um manto lilás e capuz da mesma cor. Atrás dele surgiu outro homem, bastante magro, alto e careca. Vestia um manto vermelho-sangue com detalhes dourados nas mangas e na gola.

O capitão aproximou-se, deixou a tocha presa à carruagem, entregou respeitosamente o baú para o homem de manto vermelho e adentrou novamente a escuridão, de volta ao navio.

– Não se preocupe, mestre Volgo – disse o homem de lilás após alguns segundos de silêncio. – O condutor é surdo de nascença.

– Excelente, meu aprendiz – respondeu Volgo, o careca de vermelho. – O que vou lhe dizer é algo que só você e eu devemos conhecer.

Isso é promissor, pensou o marujo, com o sorriso repuxado por causa da grande cicatriz no rosto. Um segredo pode me gerar muito mais lucro!

Volgo segurou o baú de madeira nas mãos magras.

– Use a magia que lhe ensinei!

Com um movimento de mão e algumas palavras que o marujo não conseguiu entender, o aprendiz fez o cadeado se abrir. A tampa do baú levantou-se sozinha, e uma névoa azulada saiu de seu interior.

O marujo esticou-se sobre as caixas o máximo possível sem chamar atenção e conseguiu ver três objetos no interior do baú: um anel com uma pedra azul-celeste grande e brilhante, um rolo de pergaminho antigo e amarelado e um pequeno jarro de vidro com um líquido negro e borbulhante, que parecia conter algum tipo de animal vivo e gelatinoso.

Volgo deu as últimas instruções ao aprendiz:

– O frasco contém a essência energética dos Dhuggaols, meus antigos servos. Você deve utilizá-la no ritual para garantir que sua Maru* esteja em sintonia com a magia antiga que lhe foi ensinada.

– Pegando o anel de pedra azul-celeste, ele continuou. – O anel lhe dará o poder de comandar meus servos durante o ritual. A missão deles é fazer com que a magia seja realizada conforme eu planejei.

O aprendiz ouvia tudo com atenção.

– Por último – disse Volgo com seriedade –, o pergaminho de Azur. Seja extremamente cuidadoso com ele! Muitas vidas foram

* Frequência elementar, harmonia que gera a vida e a matéria. A Maru existe em quatro níveis diferentes de modulação: magia, matéria inerte, matéria orgânica e energias (elétrica, magnética, sonora, gravitacional, calórica, luminosa, vital etc.).

perdidas para que eu pudesse consegui-lo. Apenas com este pergaminho você poderá encontrar o que precisamos.

Com um leve movimento afirmativo de cabeça, o aprendiz pegou o baú e tornou a fechá-lo com um feitiço.

– Não vou decepcioná-lo, mestre. O senhor terá uma grata surpresa quando retornar a este mundo.

Volgo suspirou profundamente e estendeu a mão.

– Temos um pacto? – perguntou, com o braço magro ainda esticado.

– Sim, temos um pacto – respondeu o outro, colocando a mão sobre a de Volgo. Um rápido e suave lampejo vermelho surgiu desse encontro. Uma marca, parecida com uma ponta de flecha prateada, foi magicamente tatuada na mão do aprendiz.

Volgo seguiu para o navio. O aprendiz apagou a tocha e bateu levemente na perna do cocheiro antes de subir na carruagem.

Quem era o aprendiz que agora partia na carruagem trepidante não importava para o marujo. O lucro certo estava no navio. Mesmo não conhecendo o “mestre Volgo”, certamente conseguiria arrancar algumas moedas de ouro daquele homem em troca de seu silêncio.

Saiu de debaixo da lona, pulou de cima das caixas e andou sorrateiramente até o interior da embarcação. Poucas horas depois, o *Águas Nebulosas* partia em direção a Kalclan, último porto antes de começarem a jornada pelos Mares Boreais em direção a outro planeta.



Alguns dias depois, em uma manhã de céu sem nuvens, um pequeno grupo de pescadores lançava ao mar suas redes de pesca quando uma delas se enroscou no fundo da água.

O pescador mais experiente mergulhou e voltou rapidamente, dizendo que, em vez de soltar a rede, deveriam puxá-la.

Desde aquele dia, a população da pequena cidade de Aram orgulha-se de ser a guardiã de um objeto tão magnífico. Na praça central da cidade, está exposta a estátua de rocha polida encontrada pelo grupo de pescadores.

Todos se assombram com a perfeição das feições de um marinheiro com uma grande cicatriz no rosto e expressão de agonia.

BRIGA DE BAR

Quinze anos depois

A música envolvia todo o ambiente. Bandolins, instrumentos de percussão e flautas de osso criavam melodias dançantes, acompanhando a sensual voz feminina que cantava sobre como viver bem a vida. No meio do salão, várias pessoas dançavam alegremente.

Como em toda noite estrelada, o bar estava cheio. Ponto de parada de viajantes da região, várias raças se encontravam ali para beber, jogar e dançar no enorme salão, enquanto garçonetes iam e vinham entre as mesas.

Dorik era o *barman* e também o dono do estabelecimento. Forte, de cabelos claros e barba rala, tinha braços e mãos grandes, proporcionais ao resto do corpo. Fora guerreiro na juventude, porém, cansado das batalhas, montou um bar na cidade de Cim para receber velhos amigos. Vestia calças de pano grosso, camisa de algodão escura e um avental de couro marrom. Gostava de sua nova vida. Atencioso com todos os clientes, não deixava que nada faltasse aos viajantes. Enquanto enchia três copos com cok* e rum, observou que, em uma mesa na parte mais afastada da pista de dança, dois homens jogavam biso** amigavelmente.

Thagir, um dos jogadores, era bastante alto e esguio. Seus cabelos curtos eram negros como uma noite sem lua, e a barba bem aparada apresentava tons estranhamente ruivos. Vestia uma longa ca-

* Bebida escura e adocicada. Servida gelada, atua como refrescante e energético. Pode ser misturada com outras bebidas alcoólicas para formar diferentes drinques.

** Jogo de cartas muito apreciado em vários planetas. Utiliza o baralho do cavaleiro, o mais comum dos baralhos do Multiverso.



Thagir, pistoleiro e Senhor de Castelo do planeta Turanaã e possuidor de dois braceletes mágicos.

saca verde-escura com as mangas dobradas, deixando à mostra dois largos braceletes finamente trabalhados, um em cada pulso. Cada bracelete tinha uma pedra preciosa diferente. Usava uma calça marrom com vários bolsos e botas de couro também marrons. No pescoço, um colar de metal bem trabalhado reluzia fracamente.

– Aposto um cuspe de dragão* que você não ganha de mim! – ele falou em tom de diversão.

A brincadeira foi seguida pela risada alta e displicente de Kullat, seu amigo e companheiro de jogo, que vestia capuz e manto brancos, contornando todo seu corpo. As botas pareciam feitas do mesmo tecido, mas eram visivelmente mais rígidas. Também era um homem alto, ligeiramente menor e mais encorpado que o amigo. Suas mãos estavam enfaixadas até o meio dos dedos com tiras de pano brancas.

Seu rosto mal era visível sob a fraca luz do bar, como se a penumbra tomasse conta de sua face.

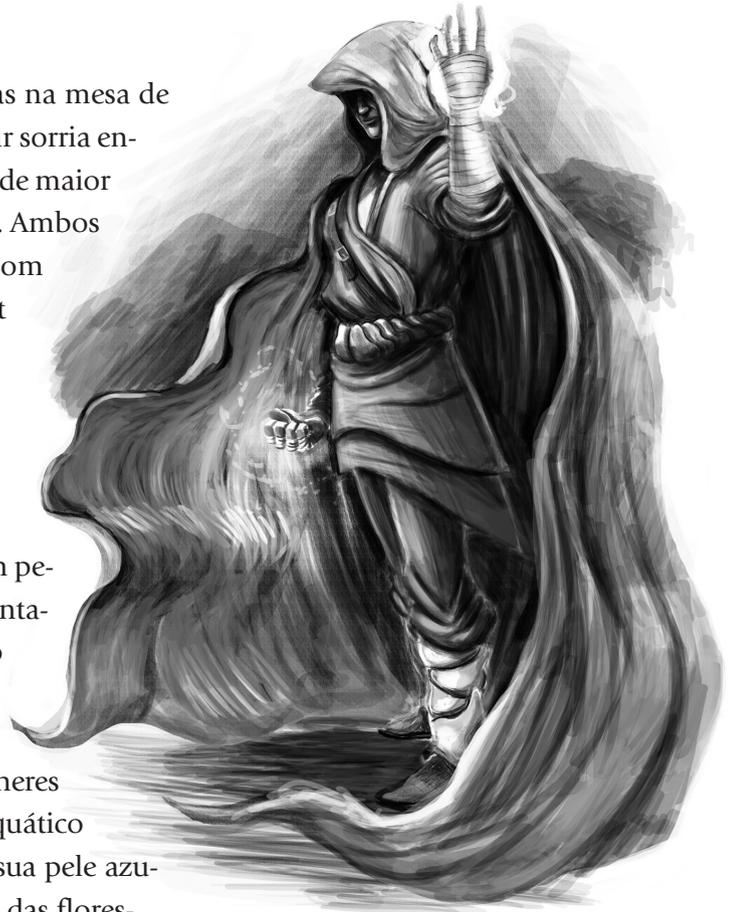
– Aceito a aposta! – disse Kullat, também se divertindo.

– Mostre suas cartas e veremos se esse lixo que você tem supera o meu jogo – a réplica de Thagir veio de forma zombeteira.

* Bebida destilada de alto teor alcoólico, com bolhas espessas cor de âmbar. É agri-doce, densa e normalmente servida em pequenos copos transparentes.

Kullat jogou as cartas na mesa de modo desafiador. Thagir sorria enquanto mostrava cartas de maior valor, uma após a outra. Ambos riam animadamente. Com o fim da partida, Kullat chamou a garçonete e pediu vinho e queijo. Thagir guardou o baralho em um dos vários bolsos de sua calça.

Enquanto esperavam pela comida, olhavam atentamente o movimento do salão, que era um mesclado colorido de vestes e formas. Havia mulheres de Arthúa, o planeta aquático do quadrante 1,* com sua pele azulada e brilhante. Ninfas das flores do norte de Agas'B dançavam calmamente, exibindo adornos na barriga e nos braços. Três beldades de cabelos cor de fogo vindas do planeta Kremat, o reino do vulcão Mag, estavam vestidas de couro negro e metal opaco e dançavam alegremente.



*Kullat, Senhor de Castelo do planeta Oririn. Possui a habilidade de manipular energia mágica e é o atual portador das faixas de Jord.***

* A Ordem dos Senhores de Castelo classifica os planetas conhecidos em quatro quadrantes, baseados no grau de desenvolvimento tecnológico e na intensidade da magia natural existente.

** Manoplas enfeitiçadas que se incorporaram a Kullat durante uma de suas missões e potencializaram seus poderes. Segundo a história, o feiticeiro Jord criou magicamente dois objetos de grande poder: as faixas e um cajado que há muito se perdeu.

Os homens, também de várias raças, bebiam e conversavam no balcão. Os Gerens, comerciantes do leste longínquo, mostravam suas espadas e armas, tentando vender as mercadorias aos clientes do bar. Anões da cidade de Asys analisavam machados e escudos, enquanto dois gêmeos de pele amarelada do planeta Adrilin admiravam algumas adagas.

O pedido de Kullat chegou e ele começou a comer imediatamente.

– Qual é o plano? – perguntou, enquanto enchia um copo com vinho.

– Vamos começar pelo básico – respondeu Thagir, ainda olhando para o salão. – Faremos amizade com alguém aqui no bar e tentaremos descobrir alguma coisa sobre o paradeiro da princesa Laryssa.

Uma explosão, vinda da entrada do bar, interrompeu bruscamente a música. As pessoas próximas da porta gritaram e algumas se feriram com os estilhaços. O movimento na pista de dança parou completamente.

Kullat e Thagir levantaram-se com rapidez. Como eram homens de estatura elevada, conseguiam observar por cima dos demais e foram para a pista. A porta do bar estava quebrada, como se algo tivesse sido arremessado contra ela com grande violência.

No chão, a alguns metros da entrada, havia três figuras desacordadas em meio aos destroços da porta.

A primeira era uma bela jovem de cabelos curtos, com joias delicadas nos braços e pernas. Usava calças justas escuras e um vestido curto por cima, que, rasgado, permitia ver uma joia prateada presa no umbigo. A boca pequena de lábios finos contrastava com o corpo atlético e as pernas torneadas. Cruzando o peito, havia uma grossa tira de couro, que terminava em uma bolsa enorme que parecia conter algo pesado.

A segunda era um homem de meia-idade vestindo uma armadura de cavaleiro com dois triângulos no peito, um vermelho e um bran-

co. Thagir reconheceu a figura como o símbolo do reino de Agas'B. No chão, a seu lado, havia uma bela espada.

A terceira figura tinha o corpo humanoide, porém a pele era de uma espécie de metal dourado. Os olhos eram duas pedras redondas e vermelhas. O rosto era ovalado, com orifícios no lugar da boca. Apesar de estar caído, era visivelmente robusto.

– Um autômato dourado... – Kullat sussurrou, espantado.

Todos no bar estavam tão surpresos com aquelas três figuras caídas que não perceberam um grande e forte homem que entrara pelo buraco onde ficava a porta. Era um guerreiro bárbaro, de longos cabelos violeta e pele azulada, que carregava um enorme machado. Seu nome era Chibo, conhecido por ser um homem bruto e impiedoso.

Logo atrás entrou um grupo de soldados Karuins, criaturas híbridas de répteis com humanos. Andavam um pouco arqueados e empunhavam armas de fogo, como revólveres e espingardas. Suas garras eram fortes e afiadas. Tinham escamas verdes nas mãos e nos pés, partes que as vestes escuras não cobriam.

Ignorando todos no bar, Chibo e os Karuins murmuravam entre si, apontando para a mulher ferida no chão. Os Karuins falavam a língua comum, com um forte sotaque gutural.

Chibo rodeava os corpos caídos girando o machado nas grandes mãos azuladas, como se decidisse quem mataria primeiro. Thagir fez um movimento à frente e Kullat agarrou o braço do amigo.

– Não podemos perder o foco da nossa missão – sussurrou.



Azio, autômato de forma humanóide e possivelmente o último sobrevivente do planeta Binal.

– Meu amigo – respondeu Thagir com um sorriso –, o meu negócio é chumbo!

Ele avançou até ficar na frente do bárbaro azulado, que o olhou com desprezo. Um soldado Karuin apontou sua espingarda de dois canos para o peito de Thagir, afastando-o de Chibo.

– Saia ou vai morrer! – o sotaque gutural do Karuin era horrível. – Nem armado está e quer dar uma de herói! – O soldado golpeou Thagir fortemente no peito com a coronha da espingarda, derrubando-o violentamente.

Um guerreiro ruivo de Kremat deixou suas companheiras no balcão, sacou sua espada e avançou contra o Karuin que golpearia Thagir. Mal conseguiu dar dois passos e teve a cabeça atravessada por tiros do mesmo soldado.

Kullat acenou com a cabeça para Thagir, que respondeu ao sinal do amigo e se levantou, ficando bem em frente do atirador. Thagir disse com frieza, enquanto levantava vagarosamente o braço direito em direção ao peito do oponente:

– Como dizem na minha terra, quem mata pelo tiro deve estar preparado para morrer pelo tiro. Espero que você esteja!

À medida que o braço subia, uma tênue luz azul e amarela surgiu da joia em seu bracelete e envolveu sua mão, onde foi se materializando um revólver vermelho e negro com coronha de sândalo brilhante.

Ao terminar o movimento, um estrondo feriu os ouvidos de todos no salão. O soldado caiu com um enorme buraco no peito, tão grande que se podia ver através dele. Sangue verde e pastoso escorria pelo chão.

Thagir segurava confiante o revólver com o longo cano ainda fumegando. Antes que qualquer um reagisse, Kullat lançou com as mãos uma rajada de energia mágica, que explodiu em fagulhas no punho de outro soldado e o fez soltar a pistola. A criatura deu um

grito e saiu correndo para a rua com as mãos em chamas, passando com rapidez pela porta arrebentada.

– Crianças! – a voz de Kullat era calma e irônica. – Podem se machucar com esses brinquedos!

Chibo apertou o cabo do machado com tanta força que as pontas dos dedos azuis ficaram esbranquiçadas.

– Vou dizer meu nome – exclamou o bárbaro com ódio no olhar – para que saibam quem mandou vocês ao Naveeh!*

– Muito gentil da sua parte! – respondeu Kullat com um sorriso malicioso.

O bárbaro mordeu o lábio inferior de raiva. Não podia acreditar que aqueles dois estranhos estavam debochando dele na frente de seus soldados.

– Meu nome é Chibo!

Mal terminou de falar, iniciou um ataque feroz. Até seus soldados se assustaram com a rapidez de seus movimentos.

Thagir pulou para o lado e, ainda no ar, acertou dois Karuins com seu revólver, fazendo o sangue esguichar no balcão. Kullat se desviou dos golpes de machado de Chibo com rapidez e, ao mesmo tempo, com as mãos enfaixadas e brilhantes, disparou rajadas de energia nos soldados répteis à esquerda e à direita. Um deles foi jogado contra as pedras da parede, emitindo estalos de ossos se quebrando. Outro conseguiu pular para cima de Kullat, mas levou um soco na boca que quebrou suas presas.

Enquanto a briga continuava, as pessoas gritavam e corriam para a rua. Algumas foram atingidas pelo machado de Chibo, outras foram mortas pelos Karuins. Dois homens tentaram ajudar o grupo de Kremat, mas foram abatidos antes de sacar a espada.

– Meu bar!!! – Dorik gritou com raiva.

* Lugar para onde vão os mortos em algumas culturas do Multiverso.

Dois soldados Karuins o miraram com seus revólveres cor de chumbo e começaram a atirar. O *barman* se escondeu atrás do balcão e pegou uma escopeta de três canos que guardava para eventualidades. Rapidamente se levantou e atirou nos soldados, abainhando-se em seguida. Encharcado pelas mais variadas bebidas, o balcão agora só tinha garrafas e copos quebrados. Outro homem-réptil o atacou, pulando por cima do balcão. As garras rasgaram o braço de Dorik e o fizeram soltar a escopeta.

Dorik conseguiu chutar o peito do Karuin e o afastou por alguns segundos. Tateando pelo chão, achou um enorme pedaço de vidro e, quando o soldado pulou novamente para mordê-lo com as presas afiadas, enfiou com força o vidro no olho da criatura, fazendo-a urrar de dor. O forte *barman* aproveitou o momento para recuperar a escopeta de três canos e dar um tiro no pescoço daquele ser asqueroso, acabando com sua agonia.

Chibo urrava e atacava, ao mesmo tempo em que rebatia os tiros de Thagir com seu machado. Por duas vezes quase atingiu Kullat com o aço rígido de sua arma.

Um dos répteis atacou o pistoleiro por trás, usando suas garras afiadas e rasgando as costas de Thagir. Graças à grossa casaca verde de couro de gorlak,* o ferimento foi superficial. Com fúria, o pistoleiro agarrou o soldado e o jogou por cima do balcão. O Karuin bateu com força contra as garrafas e vidros quebrados e não se levantou mais. O couro do longo casaco de Thagir, que havia sido tratado por costureiras mágicas em seu reino, não tinha mais rasgos.

Chibo rodopiou o machado acima da cabeça, forçando Kullat e Thagir a se afastar. Dorik, apesar de estar com a escopeta descarregada, levantou-se e mirou o último soldado Karuin sobrevivente.

* Grande animal marinho de couro resistente e maleável, originário do planeta Curanaã.

– Você vai pagar pela vida que tirou, Chibo! – uma fraca voz feminina ecoou atrás de Kullat.

Era a mulher de cabelos curtos, que havia acordado. Tinha uma espada na mão e os olhos negros lacrimejavam. Chibo segurou sua arma de modo defensivo. Sem aviso, o guerreiro azulado urrou tão alto que fez Dorik largar a espingarda para tapar os ouvidos. Depois do ataque sonoro, o bárbaro saiu rapidamente pela porta, seguido pelo último soldado Karuin.

Dorik pulou por cima do balcão e foi até a saída do bar, apenas para ver as sombras dos fugitivos correndo pela rua deserta. Enquanto ele observava Chibo se distanciar, Kullat ajudou a mulher a se sentar no chão coberto de sangue vermelho e verde.

Thagir girou rapidamente o pulso para a direita e, com um tranco seco, o tambor do revólver se abriu. Cápsulas vazias caíram a seu lado e, com outro movimento firme, o tambor voltou à posição original. Um leve brilho, da mesma cor da luz emitida pela pedra do bracelete, envolveu o revólver, e magicamente ele estava carregado.

O pistoleiro foi ajudar o cavaleiro com o símbolo triangular no peito, que ainda estava caído.

– Não adianta – a voz da mulher era firme, o que fez Thagir interromper o passo. – Noiw está morto.

– Lamento – Kullat falou com sinceridade, depois de alguns instantes de silêncio. Ela lhe devolveu um olhar cansado. Os olhos escuros e brilhantes, que agora estavam secos, formavam uma simetria perfeita com o nariz.

– Noiw está morto... – ela repetiu, arrumando a bolsa de couro que carregava. De repente o autômato, que ainda estava caído ao lado de Noiw, mexeu os braços.

– Azio! – exclamou a mulher, correndo até a estranha criatura.

Com suavidade, pressionou um botão minúsculo na parte superior da cabeça dourada. Os olhos vermelhos piscaram. Um ruído

sintético e mecânico, vindo do peito, pôde ser ouvido. Os olhos agora estavam amarelos e piscavam rapidamente. Um chiado eletrônico saiu do humanoide.

– 01010101... 01% 0101... 01%... %01%.

– 0101% 0101% % % – respondeu a mulher. A língua falada pela criatura e por ela era totalmente ininteligível para Thagir, Kullat e Dorik.

– Mestra Laryssa % % 01 feriu? – a pergunta saiu nas duas línguas, misturadas com o som interno do autômato.

Ao ouvir o nome da mulher, Thagir e Kullat se entreolharam e fizeram um sinal com a cabeça.

– Estou bem – ela respondeu com delicadeza. – Reinicie seus programas e entre em modo de espera.

– 0101 010% % % !

Para Kullat, a resposta do autômato dourado soou como “sim, senhora”.

– Você está bem, senhor...? – disse Thagir para o *barman*.

– Meus amigos me chamam de Dorik – ele respondeu.

– Dorik. Você está bem? – complementou o pistoleiro com simpatia.

– Meu braço dói um pouco, mas vai ficar bom.

– Então, por favor, fique na entrada e me avise se alguém vier para cá – Thagir instruiu de forma enérgica. O *barman* concordou e ficou alerta, olhando para a escuridão da noite.

– Kullat – continuou Thagir –, acho bom tentarmos descobrir mais alguma coisa sobre esses soldados.

Kullat abaixou-se ao lado do primeiro Karuin que havia morrido.

– Vamos ver o que temos aqui! – falou, removendo o capuz do morto.

A criatura sem dúvida era humanoide, mas tinha muitas características de um réptil. O corpo era todo coberto de escamas. O rosto

continha traços humanos, como barba e nariz, mas a língua era bipartida e as pupilas tinham formato de fenda. O corpo tinha marcas e cicatrizes, algumas recentes. O peito estava estilhaçado.

Kullat não se demorou muito nesse detalhe, afinal o coração daquele ser estava agora em algum lugar do salão ensanguentado, arrancado pelo tiro de Thagir. Debaixo do manto escuro, a criatura usava uma jaqueta para guardar munição e uma faca grande e extremamente afiada. O cheiro era nauseante, o que o fez desistir de virar o corpo.

– Pensei que eram do planeta Repo, mas me enganei! – ele disse, ainda agachado. – Os homens-répteis de Repo são lagartos bípedes, mas possuem cauda e mandíbula. A maioria veste capuz, como este, mas normalmente usam discos afiados em forma de meia-lua como arma.

Thagir aproximou-se da mulher e, com a voz séria, perguntou:

– Você é Laryssa, princesa de Agas'B, certo?

– Sim – ela respondeu, surpresa. – Você me conhece?

Antes que ele pudesse responder, Dorik entrou pelo buraco da porta com uma expressão de pânico. Parecia ter visto um fantasma, de tão pálido.

– Chibo está voltando! – disse ofegante. – E trouxe um exército!



Soldado Karuin, híbrido de réptil e humano, liderado por Chibo. Origem desconhecida.